

Simpósio de Homenagem a

# Manuel Ferreira Patrício

Edição conjunta de:

MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO  
[www.movimentolusofono.org](http://www.movimentolusofono.org)  
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11  
1150-320 LISBOA

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições  
Impressão e acabamento: VASP DPS  
ISBN: 978-989-8661-72-2  
Depósito Legal: 421280/17  
Primeira edição: Fevereiro 2017

Coordenação de:

António Braz Teixeira  
Joaquim Pinto  
Maria Teresa Santos  
Renato Epifânio



esperanças humanísticas de acordo com a almejada síntese da Cultura e, por conseguinte, como um *ideal*. Noutra acepção essencial, que evite até o malgrado recurso prático de qual tarefa de Sísifo em conseguir um real desenvolvimento do homem, acaba por se perceber que a vida é mais decisiva do que as pretensas ajudas e oferecida orientação para a mesma. Não porque a vida não possa ser desenvolvida, mas sempre no súbito reconhecimento do que a *tempo* é esse “agora” oportuno e sem resíduo. Quiçá a “escola” do tão-só *altusivo* e sem *ideia*...

A *antropagogia* é, pois, ‘por demais’, um excesso perdulário ou um ideal ineficaz, enquanto a *pedagogia* corresponde, entretanto, ao que é possível e exequível no âmbito de determinada idade e método ainda escolar, por conseguinte do *tanto quanto basta* neste domínio da Educação. Não será esta, aliás, a realista lição justamente *personal e assinada* de Manuel F. Patrício na sua mesma *pedagogia* ?...

De outro modo, como poeticamente deixou dito M. Heidegger, em *Aus der Erfahrung des Denkens*, (p. 7), trata-se ‘nada menos do que acertar em caminhar para uma estrela’ (*“Auf einen Stern zugehen, nur dieses.”*)... Orientação essa que tanto acolhemos no eco generoso da existencial vocação docente de Manuel F. Patrício, invocando ainda (na sequência da melódica sagesa pitagórica, ou do que ressoa até na meditação do ritmo absoluto” para o que ainda nestas entrelinhas da *antropagogia impossível* se deixou assinalado.

Concluir-se-ia, então sibilinamente, este questionamento com Georges Bataille:

«*Pourtant nous pouvons, et même nous devons répondre à quel que chose qui, n'étant pas Dieu, est plus forte que tous les droits : cet impossible auquel nous n'accédons qu'oubliant la vérité de tous ses droits, qu'acceptant la disparition.*»  
(in: «Préface» a *L'Impossible*).

## DO ENSAIO COMO PEDAGOGIA: ANTÓNIO SÉRGIO LIDO POR MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

João Tiago Lima

Num texto em que visa realizar uma tarefa que parece ser quase impossível – a saber, delimitar as fronteiras do ensaio, género filosófico-literário baptizado por Montaigne mas que tem uma interminável e muitíssimo complexa descendência – Eduardo Prado Coelho distingue, pelo menos, duas acepções do ensaio. Recorre para tal à raiz latina do termo e mais especificamente ao termo *examen*, *examinis* que, antes de mais, significa balança e também a própria acção de pesar. Dai que, numa primeira acepção, o ensaísta seja também o examinador (*examinator*, *examinatoris*), justamente aquele que pesa, aquele que julga, aquele que examina. Todavia, da mesma palavra *examen* deriva também o termo *exame*, ou seja, conjunto de abelhas. Por isso, para além da concepção de ensaio como exame, Eduardo Prado Coelho apresenta-nos o ensaio como *exame*: «abelhas, pássaros voando em conjunto, mancha indecisa de multiplicidades»<sup>1</sup>. O ensaio de Eduardo Prado Coelho merece, sem dúvida, uma releitura e uma discussão mais atenta que, como é evidente, não vou fazer aqui?

O que me interessa realçar é outra coisa. Importa dizer que Eduardo Prado Coelho, ao longo do seu ensaio, nunca se refere directamente a António Sérgio. O seu interlocutor é, principalmente, Sílvio Lima que, aliás, em relação ao tema do ensaio, nunca disfarçou o seu convicto sergismo: «Em nosso juízo, é António Sérgio quem, no panorama nacional, mais fina e profundamente encarna, prática e apostoliza a atitude ensaística»<sup>3</sup>. No entanto, julgo que a concepção de ensaio como exame, apresentada por Eduardo Prado Coelho, na medida em que enfatiza «o grande confronto que se realiza entre as trevas e a luz da Razão»<sup>4</sup>, se adequa bastante ao

1 Eduardo Prado Coelho, *O Cálculo das Sombras*, Porto, Asa, 1997, p. 20.

2 Cf. sobre este assunto o meu livro *Existência e Filosofia – O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras, 2008, pp. 39-44 e 158-175.

3 Sílvio Lima, *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 1381.

4 Eduardo Prado Coelho, *O Cálculo das Sombras*, op. cit., p. 23.

ensaio de António Sérgio. Ou, pelo menos, àquilo a que eu chamaria elementos predominantes do autor dos *Ensaíos* e que, para o bem e para o mal, nos acostumáramos, ao longo dos anos, a ler em António Sérgio.

Para o bem, porque, por um lado, é difícil estar em desacordo com algumas teses principais de António Sérgio: Por exemplo, quem poderá, nos nossos dias, contestar a ideia da educação filosófica como «treino da atitude crítica, (...) exercício pessoal de um *pensar* autêntico, (...) uso metódico de um cepticismo activo, (...) prática da elucidação dos problemas básicos»? Para o mal, porque, por outro lado, é agora fácil aceitar a ideia de que há também, no ensaísmo sergiano, o que, na década de Sessenta do século passado, Eduardo Lourenço (num texto bastante conhecido, sobretudo quando mais tarde passou a integrar o livro *O Labirinto da Saudade*) e Mário Sacramento (num escrito mais esquecido, mas talvez não menos interessante) diagnosticaram, quase ao mesmo tempo, como sendo uma *retórica da dúvida*.

Ora, Manuel Ferreira Patrício escreveu um extenso e rigoroso artigo, com o título “A Ética de António Sérgio”, onde analisa alguns aspectos da obra

5 António Sérgio, “Prefácio do tradutor dedicado ao jovem aprendiz de filósofo”, Bertrand Russel, *Os Problemas da Filosofia*, tradução do inglês e prefácio de António Sérgio, Coimbra, Arménio Amado, 1980, 5ª edª, p. 6.

6 «A dúvida de António Sérgio é a musa que o acompanha no passeio através do jardim alheio. No seu, só de longe e hiperbolicamente consente que os dedos de sombra da dúvida afluam a próprio jardim, a musa chama-se razão, a qual se anteriormente irmã do amor e da justiça orla do seu vestido de luz. A dúvida séria é patológica, como bem o mostra a exegese sergista de Antero. A paráfrase de Montaigne é em Sérgio puro ornamento. A sua “dúvida” de tradição cartesiana mas já recebida como “evidência”, o que lhe retira o papel inquietante que tem no cartesianismo – cai fora do horizonte em que o seu discurso tem origem e lugar.», Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2009, 11ª edª, p. 161.

7 «Ora, a metodologia que prezo em Sérgio não é a gratuita. (...) Sérgio ensina a metodologia do ensaio, mas só se realiza como ensaísta quando responde a questões definidas (...). O Sérgio ensaísta que eu estimo não é o que diz *dúvida, dúvida, dúvida*, como outros apregoam *decora, decora, decora*, é o que mostra que só pelo erro chegamos à verdade (...). *Erra, erra, erra para aprenderes* – eis, quanto a mim, a sua verdadeira divisa. O Sérgio que escreve odes à Razão e, em seu nome, doutrina sobre isto ou aquilo, é o Sérgio “prisioneiro” do seu tempo e do seu espaço. O Sérgio verdadeiramente livre é o que pergunta e responde ensaísticamente, que o mesmo é dizer: precariamente (...).», Mário Sacramento, *Ensaíos de Domingo III*, Lisboa, Veja, 1990, p. 117.

deste e procura definir quer a sua «explícita filosofia da educação»<sup>8</sup>, quer a «filosofia subjacente à sua pedagogia» (Ibidem). Este texto é a segunda parte de um estudo mais amplo. A sua primeira parte, com o título “A Lógica de António Sérgio”<sup>9</sup>, fora publicada anteriormente. A introdução do estudo aparece, curiosamente, como nota de rodapé no segundo dos dois artigos. E nessa mesma introdução o autor confessa o seguinte: «Hermann Cohen dividiu a Filosofia em três ciências: a Lógica, a Ética e a Estética. A mesma divisão fez Paul Natorp. É, para nós, o modelo sergiano da Filosofia. A Pedagogia situa-se algures dentro da Ética, a qual se edifica sobre a Lógica. Não considerámos necessário falar da Estética»<sup>10</sup>. Sublinho esta derradeira frase: “Não considerámos necessário falar da Estética”, pois a ela voltarei mais adiante.

Embora indique o ensaio de Eduardo Lourenço como referência importante para a sua investigação, Manuel Patrício não o usa pelo menos de modo directo, tal como não cita nenhum passo do livro *Heterodoxia II* que também é referido como elemento indispensável da bibliografia crítica de António Sérgio. Aliás, quando fala, por exemplo, do *reducionismo sergiano* – ou seja, quando acusa António Sérgio de reduzir «a sua ampla visão filosófico-pedagógica a uma estrita pedagogia sócio-económica» (Ibidem, p. 231) – Manuel Patrício parece até lamentar que a pedagogia aplicada de António Sérgio se tenha desvinculado do idealismo – no sentido que o neo-kantismo conferiu ao termo idealismo – em que assentava a sua [de António Sérgio] pedagogia fundamental ou, se se preferir, a sua [de António Sérgio] implícita filosofia da educação. Só isto basta, do meu ponto de vista, para que se possa afirmar que a leitura que Manuel Patrício efectuou do pensamento *demopedagógico* de António Sérgio não é coincidente com as interpretações de Eduardo Lourenço ou de Mário Sacramento.

Para voltar às categorias que inicialmente fui colher a Eduardo Prado Coelho, diria que a leitura teórica que Manuel Patrício faz de António Sérgio se situa sempre dentro do paradigma do chamado ensaio-exame. No entanto, a pedagogia tem sempre uma dimensão irrecusavelmente prática. Winfried Böhm diz que a articulação entre teoria e prática constitui

8 Manuel Ferreira Patrício, “A Ética de António Sérgio”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XLVIII, Fasc. 2, Braga, Abril de 1992, p. 209.

9 Idem, “A Lógica de António Sérgio”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XLIV, Fasc. 3-4, Julho 1987, pp. 243-272.

10 Idem, “A Ética de António Sérgio”, *op. cit.*, p. 211.

mesmo o problema básico da pedagogia<sup>11</sup> e eu estou de acordo com esta tese. Aliás, julgo que no caso de Manuel Patrício, esta dimensão nunca deixa de ocupar um papel completamente decisivo.

O ensaio – tal como António Sérgio o entendia – tem uma dimensão profundamente pedagógica. Todavia, na pedagogia sergiana talvez esteja apenas sublinhada a aceção de ensaio-exame. Ou seja, o ensaio como treino e atitude crítica que, como bem explica Manuel Patrício, visa sempre uma finalidade demopédica.

Pela minha parte, arrisco-me a dizer que a pedagogia tem também, por sua vez, uma dimensão ensaística. Aliás, talvez tenha mesmo duas que, em meu entender, correspondem às categorias de Eduardo Prado Coelho quando tenta definir ensaio. A primeira está presente em António Sérgio, como mostra Manuel Patrício (embora nem sempre concorde com ela) no estudo a que atrás aludi. Mas há uma outra dimensão que está ausente desse estudo e, por isso, sublinhei (com alguma pena, de resto) a escolha de nele se ter decidido não falar de Estética.

Do meu ponto de vista, talvez fosse esse um caminho possível para nos acercarmos do que gostaria de chamar agora *pedagogia ensaística* de Manuel Patrício e que – esta é a hipótese que queria aqui deixar – talvez pudesse fazer a ponte com a aceção do ensaio como enxame. Voltando às palavras de Eduardo Prado Coelho, talvez nessa pedagogia ensaística se pudesse ver qualquer coisa como abelhas, pássaros voando em conjunto, mancha indecisa de multiplicidades.

É provável que esta pedagogia ensaística nem sempre esteja muito visível nos textos, por assim dizer, mais teóricos que Manuel Patrício que dedicou à pedagogia ou à filosofia da educação, como é o caso do seu estudo sobre António Sérgio. No entanto, em textos habitualmente menos citados ou até nos deliciosos relatos orais da sua vastíssima experiência como professor e até como estudante – mas não é, bem vistas as coisas, o professor aquele que não desiste nunca de ser estudante? –, está implícita uma original filosofia da educação e até mesmo uma saborosa estética. Diria que, nesses momentos, o pedagogo se revela um fino ensaísta e, nessa altura, certamente mais próximo do ensaio como enxame do que do ensaio como exame. Ou, se se preferir, mais afastado de Sílvio Lima ou de António Sérgio do que, por exemplo, de Eduardo Lourenço ou até de Vergílio Ferreira.

<sup>11</sup> Winfried Böhm, *Teoría y Práctica – El Problema Básico de la Pedagogía*, Madrid, Dykinson, 1995, tradução do alemão por Elisa Kottlow.

Se não, veja-se o que, para terminar, deixaria aqui apenas como um entre tantos exemplos possíveis. Num texto dedicado ao pedagogo Arquimedes da Silva Santos, encontro esta luminosa síntese sobre a dimensão expressiva da Música:

«A Música diz sem dizer. A Música fala sem palavras. Todavia, a música é linguagem. É linguagem mas não é língua. Embora possa inserir-se na linguagem verbal, articulada, em qualquer língua. Mas a Música significa sem significar. Os conteúdos do seu discurso não são verbalizáveis. Não há nenhuma língua que possa traduzir cognitivamente a mensagem da Música. Só a Música pode traduzir a Música. A Música não diz, a Música não fala; a Música revela»<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Manuel Ferreira Patrício, “Lugar e funções da música numa escola cultural”, AAVV, *Educação pela Arte – Estudos em Homenagem do Dr. Arquimedes da Silva Santos*, Lisboa, Horizonte, 2000, p. 157.